Maiakóvski em português

Apresentação de BORIS SCHNAIDERMAN

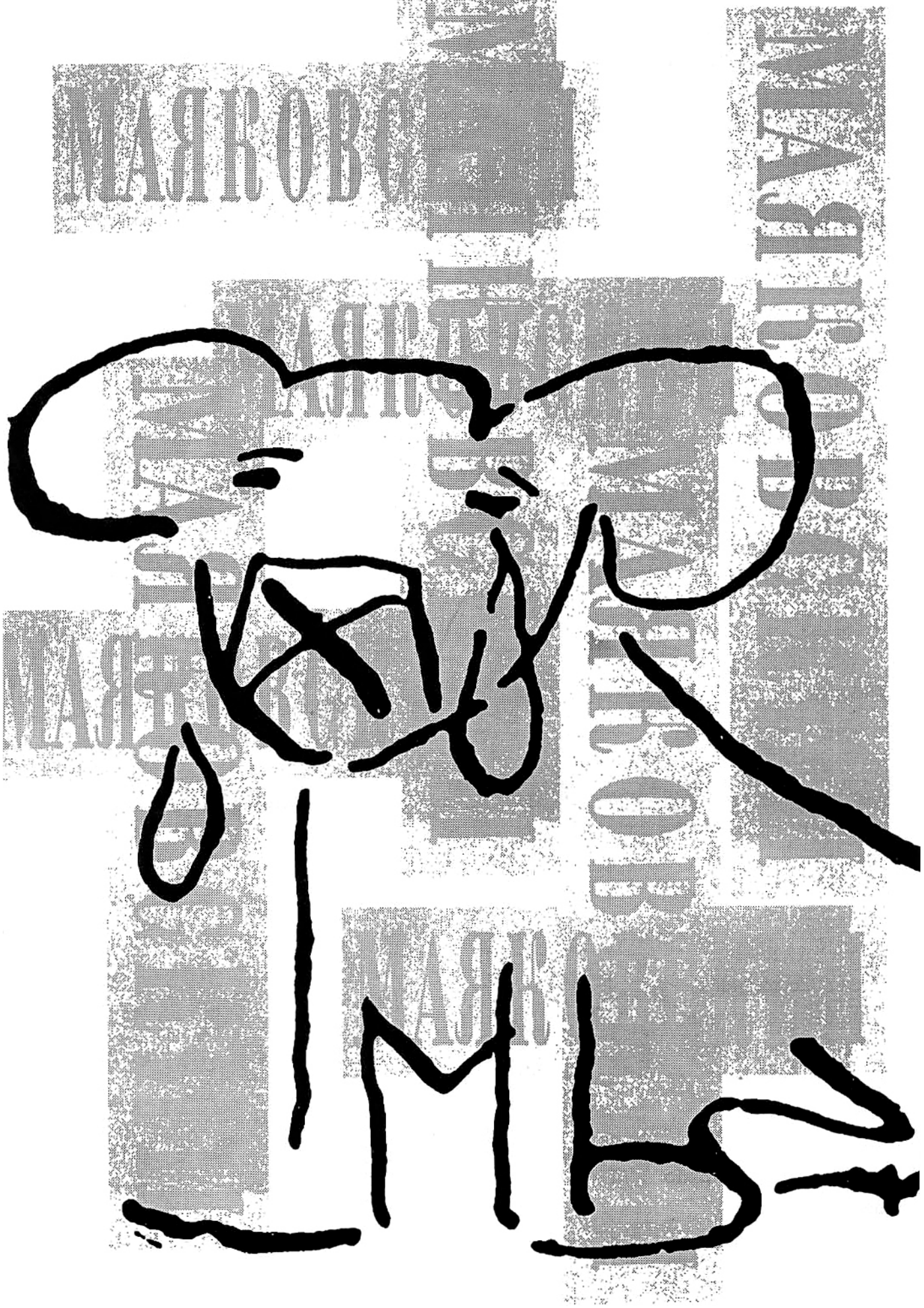
AO LADO, MAIAKÓVSKI NO FILME *AQUELE QUE NÃO NASCEU PARA SER RICO* (1918), CUJO ROTEIRO ESCREVEU. NA OUTRA PÁGINA, DESENHO COM QUE MAIKÓVSKI ASSINOU CARTA A LÍLIA BRIK.

A *Revista USP* publica a seguir várias traduções de poemas de Maiakóvski, todas com utilização do texto russo. Como se vê, depois do trabalho realizado por Augusto e Haroldo de Campos com a minha colaboração, a partir da década de 1960, e que resultou na antologia atualmente editada pela Perspectiva, diversos tradutores mais jovens de poesia se dedicaram à mesma tarefa. É verdade que a obra do poeta é bem vasta e falta ainda percorrer um longo caminho, mas o que se obteve até agora é bem auspicioso e mostra que já se alcançou, no Brasil, um nível de qualidade apreciável, pois as traduções que apresentamos agora testemunham a acurada elaboração mesmo de poemas de circunstância de Maiakóvski.

Nelson Ascher trabalhou ora na base de uma tradução minha em prosa, ora sozinho e com a minha leitura a seguir, mas coube-lhe sempre a estruturação poética do texto.

Luiz Sampaio Zacchi realizou as suas traduções e depois submeteu o resultado à minha apreciação. Elas acompanham a sua tradução da peça de Maiakóvski *Os Banhos*, que deverá sair em apêndice ao amplo estudo de sua mulher, Reni Chaves Cardoso Zacchi, sobre esse texto, a ser publicado em livro pela Edusp. Nessas quadras, o poeta, acuado então pelos burocratas do Partido, investe contra eles, a incompreensão da crítica (veja-se a referência a Ermilov), os inimigos da arte moderna (a "arte de esquerda", como se dizia), o psicologismo no palco (sobretudo o do Teatro de Arte de Moscou), etc.

Trajano Vieira, ex-aluno do curso de Russo da USP, realizou o trabalho sem nenhuma participação minha.



BOA DISPOSIÇÃO PARA COM OS CAVALOS

Batiam cascos,
cantavam bruscos:
- TRIQUE
TRAQUE
TROQUE
TRUQUE -

Visco de vento,
lascas de gelo,
na rua deslizante.
O cavalo tombou
de lombo
e, de repente,
malandro após malandro,
abanando a Kuzniétski com as calças,
juntaram-se num bando.
O riso estrídulo estrilava:
- Tropeço de cavalo! -
- Cavalo pelo avesso! -
Uivava todo o mundo.
Apenas eu
não me mesclava no escarcéu.
Cheguei-me e vi no
fundo
olhos eqüinos.

A rua foi a pique,
escorre do seu jeito...
Cheguei-me e vi que
gotona após gotona
escorre pela cara,
esconde-se no pêlo.

E não sei que completo
desânimo animal
jorrou de mim abrupto,
espalhou-se num farfalho.
"Cavalo, deixa disso.
Cavalo, escuta -
Que pensa, que é pior que todos?
Menino,
nós somos todos algo eqüinos,
cada um, cavalo ao seu modo."
Talvez
- de velho -
nem precisasse de ama-seca,
talvez achasse reles meu conselho;
somente,
o cavalo,
de repente,
ergueu-se sobre as patas,
relinchou
e foi em frente.
Zurzia a cauda.
Garoto ruivo.
Chegou feliz co-
locou-se na cocheira.
Pensava ser um outro,
um potro apenas
e viver valia o risco,
trabalhar valia a pena.

(1918)

MEU MAIO

A todos
que saíram às ruas
de corpo pela máquina cansado,
a todos
que imploram feriado
às costas que a terra extenua -
Primeiro de maio!
O primeiro dos maios:
saudai-o companheiros enquanto
harmonizamos voz em canto.
Meu mundo em primaveras,
derrete, sol, a neve com teus raios.

Sou operário -
este maio é meu!
Sou camponês -
este é meu maio.

A todos
curvados à matança carniceira,
serpenteando a raiva das trincheiras,
a todos
que, dos encouraçados,
apontam de soslaio
canhões entre escotilhas contra irmãos -
Primeiro de maio!
O primeiro dos maios:
encontrai-o,
trançando agora
as mãos que a guerra desuniu.
Cala-te, guincho de fuzil!
Quieto, rincho de metralhadora!

Sou soldado -
este é meu maio!
Sou marinheiro -
este é meu maio.

A todas
as casas,
as praças,
as ruas
que o inverno gélido consome,
a todas estas
estepes,
florestas,
searas
roídas pela fome -
Primeiro de maio!
O primeiro dos maios:
celebrai-o,
pessoas,
fertilidade
e primaveras transbordantes!
Verde dos campos, canta!
Uivo das sirenes, ergue-te!

Sou ferro -
este é o meu maio!
Sou terra -
este maio é meu!

(1922)

DESPEDIDA

Eis o carro.
Troquei o último franco.
- Que horas parte o trem para Marselha? -
Paris
corre ao meu lado
enquanto arranco,
com toda
a graça incrível
que revela.
Acode,
adeus viscoso,
aos olhos vis,
inunda
o coração
de pieguice!
Viria aqui
viver-morrer,
Paris,
se um tal lugar
- Moscou -
não existisse.

(1925)

Traduções de **Nelson Ascher**

PALAVRAS DE ORDEM PARA O ESPETÁCULO

OS BANHOS

[No Palco]

Por uma pequena comuna
entregaremos até
os mais maiores maiorais
do Teatro de Ópera e Balé.

***

Não se prestam
os teatros,
pétreos gigantes,
para alastrar uivos
de câmeras ululantes.

Arrancaremos
os indivíduos
das sacerdotais batas.
Avante, arte,
da massa e para as massas.

***

Escondam-se, psicovigaristas,
nas gaiolas residenciais.
O teatro é
arena
para a propaganda
dos planos qüinqüenais.

***

No cavalo de aço
monte confiante!
Ofegue
na aldeia,
tratorzão!
Avante, 25! (1)
25, avante!
Operários de aço
um milhão!

***

Casas-comunas
em vez de choupanas!
Que a massa faça
do Teatro de Arte
um teatro bacana!

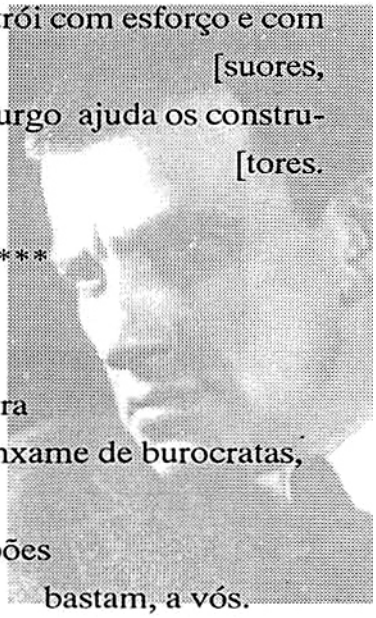
[Na Platéia]

Desmascarem
já
os conchavos da direita
e
da esquerda o blá-blá-blá.

***

Abaixo o lixo dos acessórios e dos trapos
[de cor!
Refaça a vida, comunista diretor!

***



A comuna se constrói com esforço e com
[suores,
A pena do dramaturgo ajuda os constru-
[tores.

***

De repente
não se evapora
o enxame de burocratas,
Nem banhos
nem sabões
bastam, a vós.
E ainda
aos burocratas
auxilia a pena
de críticos
do tipo de Ermilov...

***

Entusiasmo,
alastre-se e perdure!
Usinas
brilhem altaneiras!
Hoje
se constrói
o socialismo
vivo,
presente,
verdadeiro.

***

Não emporcalhem o teatro com o visgo
[psicovigarista!
Teatro, sirva à propaganda comunista!

***

Alguns dizem:
"Espetáculo maravilhoso,
mas ele é incompreensível
à grande massa".
A arrogância senhorial
deixem de vez:
a massa
se vira
tão bem como vocês.

Tendo as mãos
de clássicos repletas,
mais atentamente
os livrinhos examine,
para que
pelo Teatro de Arte
algum conde seleto (2)
com a mística
a república
não contamine.

***

"Comédia
inaceitável
desta maneira".
Disseram
e
balançaram a cabeça.
Respeitável
Camarada Principal do Controle
de Espetáculos e Repertório
passe
não no fim,
mas no começo.

***

Se aos brancos
der na telha
voltar à vista,
como atacaram
Moscou
no passado,
em nosso teatro
cada artista
pela comuna
será um soldado.

***

Naufraga a luta
no mar da papelada,
que a luta contra os burocratas
seja revitalizada.
Não deixemos que,
por causa de alguns
cretinos-fôrmas,
piore
a cretinice das formas.

***

Aponte os projetores:
na ribalta luz e cor.
Gire:
a ação arrebata
não arrasta o momento.
O teatro
não é espelho refletor,
mas
lente de aumento.

***

Apreciem
a arte
que abarrota as caixas,
mas a arte
é o que propaga
as revolucionárias vozes,
a arte
é o que brilha
como arma da classe
não se rendam
por nenhum dinheiro
aos nossos algozes.

PALAVRAS DE ORDEM PARA AS FAIXAS DO FINAL

Cortem raízes e ramos do capital!
Cabos e correias trabalhando a contento!
Voe ao socialismo no plano qüinqüenal,
Em nossa máquina do tempo!

***

Avance nação,
não deixe rastro, minha
a comuna chega aos portões.
Avante, tempo!
Tempo, avante!

***

[1930] [1987]

Tradução de **Luiz Sampaio Zacchi**

1 Alusão a 25 de outubro, data da Revolução Bolchevique pelo calendário então em vigor (hoje 7 de novembro).

2 Alusão possível a Aleksiéi Tolstói.

HINO AO CIENTISTA

População de todo o planeta -
pessoas, pássaros, centopéias,
com pêlos hirtos, penas feito setas -
pula à janela afoita para ver a peça.

E se interessa o sol, até abril acena,
interessou ainda ao negro espanador
a extraordinária e assombrosa cena:
o cientista célebre faz furor.

Olham: nenhuma qualidade humana.
Não é um homem, mas um bípede senil.
Picadas a cabeça toda inflamam
pelo tratado *As verrugas no Brasil.*

Olhos famintos mordem uma letra.
Ah, letra de azar!
Que o ictiossauro em extinção verta
a violeta que encontrou no maxilar.

Dobra a espinha, como ao golpe de um
[bastão,
mas põe reparo num defeito tão tíbio?
De Darwin grava os textos no coração:
não somos simples filhos dos símios?

A uma exígua brecha o sol se abeira,
como pequena chaga purulenta
vai se esconder no pó da prateleira,
onde uma coleção de tubos senta.

O coração da moça ferve em iodo.
Restos petrificados do verão passado.
Num alfinete algo como o coto
de um infeliz cometa dessecado.

A noite toda vela. O sol desponta
rindo sobre a deformidade humana,
e nas calçadas já parecem prontos
os empenhados ginasianos.

Vão-se os orelhas-roxas. Não lhe importa
que a gente cresça mansa e apagada,
desde que a todo instante ele possa
executar sua raiz quadrada.

(1915)

AMOR NAVAL

Corre pelo mar a brincadeira
entre torpedeiro e torpedeira.

Como a abelha gruda no meleiro,
vai na torpedeira o torpedeiro.

Não termina o plano o companheiro,
o benevolente torpedeiro.

Refletor nasóculos, à beira,
crava bem atrás da torpedeira.

Urla a voz de cobre sem fronteira:
"Atenção: em fuga a torpedeira!"

Esquerda, direita, dianteira,
e bate carreira a torpedeira.

Mas um tiro rápido e certeiro
racha na costela o torpedeiro.

Choro e grito cruza a água inteira:
luto da viúva torpedeira.

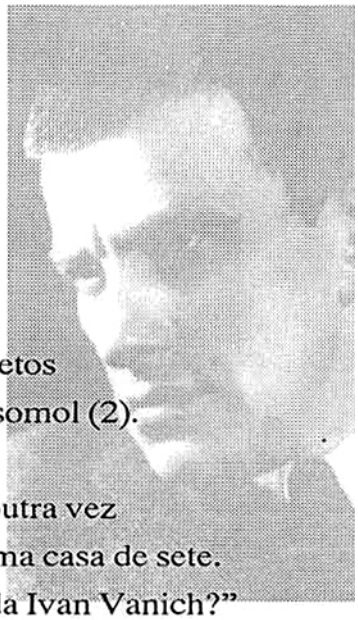
Ao mundo que mal faz a maneira
que adota a família torpedeira?
(1915)

SÍNDROME DE REUNIÃO

Susta a noite e o sol já aquece,
todo dia a mesma ação:
para o glav,
para o kom,
para o polit,
para o prosviet,
somem todos na repartição.
Tão logo você chega no edifício,
despencam guias em profusão:
procure em meia centena -
os chefes do ofício! -,
funcionários somem na reunião.

"Com licença:
Concedem-me uma audiência?
Há um século que espero."
"O camarada Ivan Vanich? Em reunião,
para tratar da Teo e Gukona, em fusão" (1).

Você escala cem escadas.
O mundo fecha a cara.
De novo:
"Esteja de volta em uma hora.
Reúnem-se:
compram latas de tinta
para a cooperativa da província."
Uma hora depois:
nem secretário,
nem secretária -
nada sob o sol!
Todos



com 22 anos completos
na reunião da Komsomol (2).

Já anoitece e subo outra vez
o último lance de uma casa de sete.
"Chegou o camarada Ivan Vanich?"
"Em reunião
com o comitê-a-bê-cê-dê-ê-efe."

Furibundo,
como uma avalanche
irrompo na reunião,
vomitando grossos desplantes.
E vejo:
pessoas sentadas pela metade.
Aos diabos!
Onde está a outra metade?
Mutilados!
Assassinados!
Grito feito louco.
O quadro grotesco esmorece o senso.
E ouço
a voz pacata do secretário:
"Em duas reuniões de uma só vez.
Precisamos
ganhar tempo
com vinte reuniões diárias.
Somos forçados a nos dividir.
Até a cintura aqui,
o restante
em outra área."

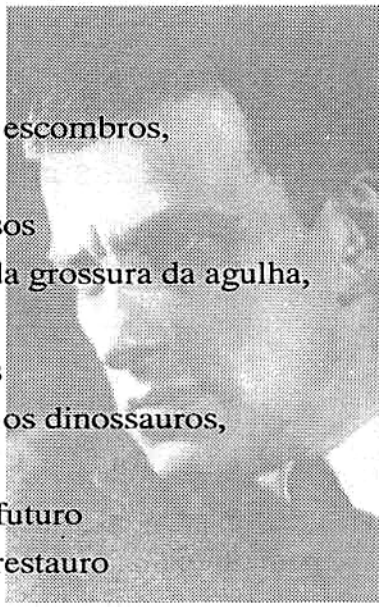
Nervoso, não prego o olho.
Amanhece.
Mal amanhece me vem um sonho:
Ah, apenas
mais
uma reunião
para escorraçar todas as reuniões!

(1922)

PONTE DE BROOKLIN

Coolidge, súbito,
Uiva de júbilo!
Para o que é belo
não poupo estrofe.
Avermelha
com minha ode,
como a flâmula feérica,
mesmo sendo
the disunited States
of
America.
Como para a igreja
vai
o crente fanático,
como no monastério
entra
circunspecto,
eu
na tarde que acinzenta
pela ponte de Brooklin
avanço modesto.
Como a cidade
em destroços
cruza o vencedor
sobre o canhão - pescoço
de girafa -
com fome de vida,
ávido de calor,
subo a ponte de Brooklin.
Nada me abafa.
Como artista parvo
na madona de museu
encrava a vista
- coração no estopim -,
eu,
em meio aos cometas,
no arco do céu,
vislumbro
Nova Iorque
da ponte de Brooklin.
Nova Iorque
até o crepúsculo
grave e sem vento
esqueceu
a gravidade
o elevado porte
e apenas algumas
almas dos apartamentos
sobem
à janela
contra o lume forte.

Aqui
mal titila o tenor
do elevador.
E somente
por esse
baixo tenor,
compreendes -
o trem estrila
um tímido rumor,
como se
arrumassem a louça no aparador.
Na mina do rio
o mascate
remove
açúcar da usina
e os mastros
sob a ponte
já parecem
alfinetes móveis.
Orgulho-me
desta milha de aço.
Minhas visões
acham no alto
sua rota -
luta no fazer,
não estilo,
no espaço,
cálculo exato
de aço
e de porcas.
Se
o mundo acabar
em sombra
e o caos
engolir
o nosso globo,
restando apenas
esta ponte



empinada
no pó
dos escombros,
então,
como dos ossos
da grossura da agulha,
crescem
nos museus
os dinossauros,
assim,
o geólogo futuro
fará o restauro
dos dias atuais
a partir desta estrutura.
Dirá:
Esta pata
de aço
unia
mares e pradarias,
daqui
a Europa
arrombava o Ocidente,
lançando
penas de índio
ao vento.
Esta costela
lembra
uma máquina.
Bastaria um braço ágil
para,
com um pé de aço
em Manhattan,
puxar Brooklin
para os lábios?
Os fios
da rede elétrica
não me enganam:
posterior

à época do vapor.
Aqui as pessoas
já
urlavam no rádio,
aqui as pessoas
já
voavam de aeroplano.

Aqui a vida
foi
para uns - sombra fresca,
para outros -
uivo lento
de carência.
Daqui
os desocupados
jogavam-se
no Hudson
de cabeça.
Sem esforço
minha tela
move-se aqui
por cabos-guelras
até o pé das estrelas.
Vejo -
por este ponto
passou Maiakóvski,
do som da sílabas
fez sua centelha.
Olho
como no trem se fixa o esquimó,
grudo
como na orelha gruda o carrapato.
Ponte de Brooklin -
E só...
Que belo ato!

(1925)

AO CAMARADA NETTE - AO NAVIO E AO HOMEM (3)

Quimera do sepulcro?
Na espinha o tremor.
Pelo porto
ardente
como clima que derrete
manobra
entra
o camarada Teodor
Nette.
É ele.
Reconheço-o.
Nas lentes-pires dos salva-vidas.
Como vai, Nette!
Que bom revê-lo vivo
na vida-fumo dos tubos
cordas
vigas.
Chega mais perto!
É raso o plano?
De Batum,
creio, o motor fica asmático...
Lembra, Nette?
Quando era humano
tomávamos chá
no carro diplomático.
Não tinha pressa.
Roncavam
em volta.
Olhar
de soslaio
no timbre do lacre
falava a noite toda
sobre Romka
Jakobson
e com suor bufo
aprendia minha arte.

Dormia de manhã.
Mas um dedo
engatilha...
Avante,
quem for insano!
Podia imaginar
um encontro
com você
com uma escotilha
ao cabo de um ano?
A lua atrás da popa.
Esplendor!
Pousa,
na superfície
rasga um trilho.
Como se pelo eterno
ficasse
a luta do corredor
no rastro do bravo:
sangue e brilho.
No comunismo dos livros
pouco se confia.
"Num livro
cabe muita lenga-lenga!"
Mas ele
de repente
a vertigem desafia.
Cerne e carne
comunista
desvenda.
Em nosso pacto
não há
parcimônia.
Vamos para a cruz
abrimos fogo
por um motivo:
num mundo
sem Rússia,

sem Letônia,
vigore
a vida
num só convívio.
Águas nas veias? Não:
sangue.
Cruzamos
o latido da pistola
para retornar
adiante
em navios
poemas
obras que dobram
eras.
Que a sobrevida
galope no meu tempo.
Mas no fim
– não tenho outra meta –
encontre
no último momento
a morte
que encontrou
o camarada Nette.

(1926)

ESTOU FELIZ

Cidadãos,
um júbilo
gigante me agita.
Ride,
rostos de simpatia!
Devo
dividir
o que suscita
mesmo
através da poesia.
Hoje
respiro
como um elefante,
meu pé
mal esbarra
embaixo
e a noite
passou
– sonho delirante –
sem uma só
tosse
ou escarro.
A dose de gozo
é
generosa.
Dias de outono –
odor de banheiro,
mas para mim
florescem
– me perdoem –
rosas,
e a elas,
notem,
eu me abeiro.
Rimas,
pontos-de-vista,
se embelezam
singulares.
Logo arregalam
os olhos
do redator.
Para a labuta
com reservas
retesas
pareço um cavalo
ou talvez
um trator.
As contas
e o estômago,
um estouro:
enrijeço,
tudo entra
nos eixos.
Cem por cento
de economia
no bolso –
ganhei peso
com absoluto êxito.
Como se
depositassem
na língua
fatia
após
fatia
de uma torta oca –
tal o sabor
feérico
que se aninha
nos cômodos
aromatizados
da boca
A cabeça
por fora
um brilho vivo

agora
brilha
por dentro.
Num dia
uma página
virou aperitivo
e às narinas de Tolstói
um lenço
tem pouca serventia.
Cercaram-me
fêmeas
de roupa furta-cor
com idêntica
curiosidade:
nome
sobrenome;
tornei-me
um pulcro
gato sedutor –
simplesmente –
a alma da sociedade.
Fiquei rosa,
com o rosto mais gordo,
esqueci
o que é gripe
e cama.
Querem
a receita?
Engodo?
Revelar
ou não?
Dúvida humana!
Fulos,
já fulminem
talvez
cansados
de esperar.
Fui mau?

Chegou a vez:
Hoje
eu
parei
de fumar.

(1929)

Traduções de **Trajano Vieira**

1 Maiakóvski utiliza jocosamente duas siglas: *Teo*, seção teatral da Direção para educação política, e *Gukon*, órgão responsável pela criação de cavalos de raça.

2 *Komsomol*: "União da Juventude Comunista".

3 Teodor Nette (1896-1926), correio-diplomático, foi assassinado em 5 de fevereiro de 1926, na Letônia, quando se dirigia para Berlim. Foi amigo de Maiakóvski e do lingüista Roman Jakobson, mencionado no poema com o apelido Romka.